

COLLEGAMENTO CH
Rocca di Papa, 22 de abril de 2017
“Chaves do diálogo”

Índice

1. *Abertura e saudações;*
2. *Chiara Lubich: “Chaves do diálogo”;*
3. *USA – Viver a disparidade política em uma sociedade polarizada;*
4. *Filipinas – “Harmonia entre povos e religiões”;*
5. *Jordânia – Portas e ... braços abertos;*
6. *Paraguai - Yvy Marane’y, la tierra sin mal;*
7. *Suíça – Imigrantes que ajudam imigrantes;*
8. *Austrália – A Síria e o Iraque são de casa;*
9. *Holanda – O blog de Glen: em rede contra o bullying;*
10. *Recordando o cardeal Vlk, Arcebispo de Praga;*
11. *Conclusão com a saudação de Maria Voce (Emmaus) e Jesús Moran.*

01) ABERTURA E SAUDAÇÕES

(Aplausos)

Lesley Ellison: [sem tradução] *Good morning, good morning to everyone on this side of the world and good evening to everyone on the other side of the world! The timing of our link up today means that we can be linked together live, which is very exciting.*

Sejam todos bem-vindos a este Collegamento planetário! Recebemos há pouco um email de 40 seminaristas de Rwanda. Saudações a todos! Lembro que vocês podem enviar os comentários, as histórias a estes endereços: WhatsApp, Facebook, esperamos...

Eu me chamo Lesley, sou inglesa e sou da Igreja anglicana. E estou muito contente em fazer com todos vocês esta viagem pelo mundo...

Começamos. Vamos agora para a Austrália...

Australia, hello! Can you hear me? Nicole, are you there?

Nicole Horin (em inglês): [saudações sem tradução] Eu sou Nicole. Sou uma gen 2 australiana e moro em Brisbane.

Lesley (em inglês): Vocês estão participando da Mariápolis, Nicole?

Nicole (em inglês): Nestes dias estamos reunidos num lugar muito bonito nos arredores de Sydney para a nossa Mariápolis anual. E queremos cumprimentar todos vocês do mundo inteiro.

Lesley: Ótimo. (Aplausos) Nicole, e qual é o tema da Mariápolis?

Nicole: Estão participando muitas famílias, crianças, jovens, adultos, vindos de muitos lugares, não só de Sydney mas também de Canberra, de Brisbane, de Gold Coast.

Este ano o tema é a família, ser família, e já estamos experimentando esta realidade. Faz três dias que estamos juntos e estamos vivendo uma experiência maravilhosa. Somos muito felizardos.

Lesley: Vocês têm hóspedes especiais?

Nicole (em inglês): Sim, temos hóspedes muito especiais. Esta foi uma grande ocasião para acolhermos Stefano e Roberta Serratore e também Franco e Maria Beatrice Cardinali do Centro de Famílias Novas em Roma.

Lesley: Obrigada, *Nicole!* Também os cangurus estão presentes na Mariápolis?

Nicole: (They're sending) greetings for you all! (*risate*)

Lesley: Que a Mariápolis seja maravilhosa!

Nicole: Obrigada! Obrigada a todos.

Lesley: No início desse Collegamento cumprimentamos especialmente as pessoas e as comunidades do Movimento que estão vivendo situações de muito sofrimento por causa das guerras, dos conflitos... como por exemplo, a Síria, o Iraque, a Venezuela, a República Democrática do Congo e tantos outros...

Também na Colômbia aconteceu uma grande tragédia quando três rios arrastaram uma montanha que aterrou toda a cidade e muitos vilarejos com lama e rochas. Padre Luis Fernando é o pároco da principal paróquia de Mocoa. Falamos com ele por telefone.

Padre Luis (em italiano): Sou padre Luis Fernando, da Colômbia, e agora vivo em Mocoa, a cidade onde aconteceu esta tragédia. Fico contente em compartilhar com vocês esta situação, esta tragédia que vivemos aqui, porque assim não me sinto sozinho.

Sou pároco [...], muitos dos meus paroquianos morreram, alguns perderam tudo [...]

Nós estamos ajudando a todos. Muitas pessoas do mundo inteiro imediatamente vieram ajudar.

[...] Dizem que existem mais de 300 mortos, [...] sabemos que talvez seja um pouco mais. O rio arrastou muitas pessoas [...] Alguns bairros desapareceram completamente, as casas ... tudo [...].

Aos poucos, estamos indo para ajudar, para ouvir, [...] tentar dar uma palavra de ajuda, de conforto [...] para que a situação possa parecer menos dolorosa para aqueles que perderam tudo.

Uma saudação a todos aqueles que estão ouvindo hoje o CH e quero também agradecer pelas orações, por tudo o que vocês têm feito pelas pessoas que viveram esta tragédia.

Lesley: Obrigada, padre Luis!

Vamos falar agora com alguém do Egito, precisamente de Alexandria. Sami?

Sami: Sim!

Lesley: Vimos, com muita tristeza, que vocês viveram uma Páscoa sangrenta por causa dos atentados aos cristãos coptos. Agora vocês estão preparando um evento para a vinda do Papa Francesco e do Patriarca Bartolomeu ao Cairo... Sabemos que você está trabalhando muito nesta preparação. O que nos conta?

Sami Creta, Alexandria - Egito: Sim, vivemos um momento muito difícil aqui no Egito duas semanas atrás com os atentados em duas igrejas coptas em Tanta e em Alexandria. Uma tragédia que nos fez viver plenamente a Semana Santa em meio ao sofrimento mas também na esperança do Ressuscitado. O martírio sempre foi o motor da Igreja copta no decorrer da história. Portanto vivemos com grande esperança e alegria.

Agora esperamos o Papa Francisco que falou muitas vezes de ecumenismo do sangue e da dor que une a Igreja.

Uma surpresa é a vinda do Patriarca Bartolomeu para este encontro religioso em Al Azhar e que se será muito mais inclusivo e histórico. Esta vinda do Papa será uma grande ocasião para a unidade e o diálogo. Portanto também o Papa Patriarca Tawadros, dos coptos ortodoxos, com a chegada dele, espera um irmão. Percebe-se esta fraternidade também pelo modo com que fala do Papa Francisco depois que, em 2013, foi encontrá-lo em Roma como sua primeira visita oficial fora do Egito, 40 anos depois da viagem ao Vaticano do precedente Patriarca copto. Este encontro deles no Egito é realmente um motivo de nova esperança.

Nestes dias temos outra surpresa: a presença, aqui no Egito, dos pais de Chiara Luce (Badano) que estão viajando pelo Sul do país e participarão do encontro com 1500 jovens egípcios na vigília da Missa com o Papa Francisco.

Lesley: Obrigada, Sami! Obrigada pelas notícias. Vivemos com vocês esta nova esperança ecumênica pela paz.

Sami: Obrigado.

Lesley: Também para mim o Ecumenismo é uma paixão. Como eu disse no início, sou anglicana. Desde pequena nos proibiram fazer amizades com os católicos... De fato, com outros jovens do meu bairro, jogávamos pedras quando passava a procissão dos católicos...

Um dia, conheci as focolarinas, e elas me falaram do Evangelho, da vivência do Evangelho... Fiquei muito atraída... Convidaram-me para ir com elas a Cantuária, onde Chiara falaria durante a Semana de oração pela Unidade dos Cristãos...

No trem, alguém do grupo começou a rezar o terço e ali percebi que todos eram católicos ... me assustei... queira descer do trem, mas não era mais possível... Chegamos ali e, ouvindo Chiara senti que Deus estava agindo dentro de mim... Deus me fez entender que Ele é grande, o mundo é pequeno e está nas suas mãos. Entendi que devia ir além dos meus preconceitos... Tentei fazer isso durante a viagem de volta.

Chegamos em Liverpool à meia-noite, e não tinha mais transporte para ir para casa e pensei que precisaria dormir na estação. Uma família católica do grupo percebeu e se ofereceu para me levar de carro para casa... Era uma coisa fora do comum! Entrar num carro com pessoas católicas... Esta foi uma das minhas primeiras experiências ecumênicas e que nasceu do amor recíproco. Isso me deu a certeza de que a unidade é possível se deixamos Deus agir. Alguns anos depois, fiz parte do grupo musical Gen Verde e escrevi uma canção que agora escutarão. (música)

Se chama "As pontes" justamente porque eu, vindo de uma margem, tinha um grande desejo de alcançar a outra margem, de criar pontes de unidade.

Queremos começar este Collegamento assim, com a ideia de querer construir pontes, atravessá-las e caminhar em direção à outra margem.

2. CHIARA LUBICH: "CHAVES DO DIÁLOGO"

Propomos agora uma breve resposta de Chiara Lubich sobre o sentido do diálogo. A pergunta foi feita por Piero Taiti em um encontro com pessoas de convicções não religiosas, de fevereiro de 1998. (Castel Gandolfo, 8/02/1998)

Pergunta: A proposta do diálogo supera muito a simples tolerância que, a seu tempo, já foi uma conquista e é sempre um valor instável na nossa sociedade.

Se há dois séculos Lorde Stanope podia dizer que a tolerância, [...] "um dia será rejeitada como um insulto", era porque previa que naquele dia - nós esperamos que seja hoje - existiria uma maior sensibilidade para um valor mais sublime: o diálogo, que não significa apenas tolerar o outro, mas, respeitando-o profundamente, acolher as ideias diferentes para poder se confrontar e sobretudo para construir um relacionamento de verdadeiros irmãos. O que você acha desta reflexão?

Chiara: Eu também acho que o diálogo supera de muito a tolerância, mas pessoalmente eu não a desprezaria totalmente, porque em certos casos convém que ela exista, pois evita brigas e lutas. No entanto, o diálogo é muito diferente. É um enriquecimento recíproco. É amar-se. É já se sentir irmãos. É criar a fraternidade universal nesta Terra. Portanto, é muito diferente.

Naturalmente, o diálogo só é verdadeiro, se for animado pelo amor verdadeiro. O amor é verdadeiro, se for desinteressado. Caso contrário não é amor, pois que amor seria? Seria egoísmo. Vocês me perguntaram se, também no diálogo, pode acontecer de agirmos por interesse. Se fosse assim, seria um diálogo construído sem o amor. Logo não seria diálogo, seria qualquer outra coisa. Seria proselitismo. O proselitismo deve ficar fora desta porta. Ele não pode existir, pois impede o diálogo.

O diálogo significa amar, doar aquilo que possuímos por amor ao outro, depois também receber e nos enriquecer. Isso é diálogo. Como os nossos gen dizem, é tornar-se "homens mundo", que compreendem a humanidade e que conseguem doar o que lhes é próprio. Eu diria isso.

Recordo que nos primeiros tempos do Movimento, quando começamos esta vida, entendemos claramente que o que nos devia guiar era o amor. Porém, sabíamos muito bem que o amor deve ser desinteressado. Não devemos amar para conquistar as pessoas. Não devemos amar para formar um grupinho de amigos. Não devemos amar para influir no escritório onde trabalhamos ou na escola... Não. Amamos por amor.

Nós amamos por um motivo sobrenatural, porque temos a convicção cristã. Vocês podem ser movidos pelo desejo de viver o valor da fraternidade universal, mas não para conquistar este ou aquele. Era por isso que conquistávamos muita gente, porque as pessoas, sentindo-se livres, vendo a beleza desta vida, nos seguiam.

Portanto, o nosso grupo de pessoas de convicções não-religiosas crescerá muito, se amarmos assim.

03) USA – VIVER A DISPARIDADE POLÍTICA EM UMA SOCIEDADE POLARIZADA

Lesley: Amare sem interesse. "Amar por amor". Assim vivemos o diálogo. Um dos âmbitos onde o diálogo parece impossível é a política. Vamos para os Estados Unidos onde também ali a sociedade é fortemente polarizada, entre republicanos e democratas. As pessoas da comunidade dos Focolares vivem esta mesma situação. Nesta reportagem nos contam como fizeram.

Locutor: Neste último ano, os Estados Unidos estão vivendo um confronto ideológico que não acontecia há anos.

(algumas palavras de um telejornal)

Antes das eleições de novembro, havia uma grande preocupação em relação ao caminho que o país percorreria ...

Com emoções e opiniões incontroláveis. Também aqueles que vivem a espiritualidade da unidade não estão excluídos destas profundas divisões.

clip eleições

Austin: Não conseguia entender a atitude insensata.

Marijo: Era uma decisão dilacerante para muitos.

Simona: Foi duro ouvir coisas em que não creio.

Arturo: Há uma grande polarização e demonização do outro porque as opiniões são muito fortes e divergentes.

(música)

Locutor: Um ano antes das eleições foram plantadas sementes de diálogo nas comunidades espalhadas pelos EUA. O Movimento dos Focolares promoveu oficinas sobre os "5 passos para um diálogo político positivo."

John Chesser, Iowa: Em grupos de dois, escolhíamos um tópico em que as pessoas tinham posições opostas. Um dos dois partilhava a própria opinião e o outro a repetia antes de expressar o seu parecer. Os resultados foram interessantes. As pessoas estavam começando não só a apreciar o ponto de vista do outro, mas também a reconsiderar a própria opinião. Certamente nós

não resolvemos os problemas do mundo em uma oficina, mas adquirimos uma nova esperança e ferramentas para pensar que talvez seja possível resolver os problemas através do diálogo.

Locutor: Com a proximidade das eleições de 2016 a tensão aumentava a cada dia. Raiva e amargura colocavam em risco os relacionamentos.

Marilyn Boesch, Maryland: Eu estava agitada; fiz um exame de consciência. Queria ser uma pessoa que trabalha para a unidade, que constrói pontes, e não alguém que aceita as divisões.

Marijo Dulay, Nova Iorque: Depois de alguns erros aprendi a estar mais atenta aos comentários que postava no facebook para não ofender aqueles que não pensam como eu.

Simona Lucchi, Geórgia: Os meus sermões e gritos não traziam nada de bom, não mudava o que os outros pensavam. Então, parei e comecei a ouvir. Percebi que, mesmo com aqueles que não pensam como eu, tínhamos mais coisas em comum do que imaginávamos.

(algumas palavras do telejornal)

Locutor: No meio da confusão, estas experiências de diálogo se expandiram também em outros âmbitos, como na Faculdade de Direito de Fordham, no coração de Manhattan, onde trabalham duas pessoas do Movimento.

Uma oficina sobre “diálogo e questões complicadas” atraiu o interesse.

Ana Dias, Fordham Law School: Muitos disseram que estavam ali para ver se, numa tal situação, o diálogo era realmente possível.

Locutor: Depois da apresentação dos “5 pontos para um diálogo político positivo”, os participantes trabalharam naquilo que aprenderam.

Endy Moraes, Fordham Law School: Percebemos que podemos falar sobre temas polêmicos sem acabar em discussões impetuosas.

Locutor: Ficou claro que, com estes instrumentos, mesmo os mais radicais estavam prontos para se colocarem à prova.

(Títulos telejornal)

As eleições chegaram e passaram. Dois meses após a posse da nova presidência reacenderam-se os ânimos. Na Faculdade de Direito de Georgetown, a população estudantil vive a mesma situação de tensão.

Amy Uelmen, Georgetown Law School: Imediatamente após a posse, avaliamos com os alunos como viver juntos neste momento de forte tensão.

Locutor: AMY UELMEN, autora de "Os 5 passos para um diálogo político positivo", tem usado com os alunos e colegas a mesma oficina para estabelecer a comunicação entre eles.

Amy Uelmen, Georgetown Law School: Percebemos que muitas vezes nas conversas, existem mal-entendidos, desinformação: decidimos estar abertos e nos corrigimos para resolver as dificuldades a partir do embate entre ideias opostas.

Locutor: Esses esforços de "injetar a unidade", também são realizados em Arkansas, um Estado conservador, mas onde Bill Clinton foi governador e Hillary CLINTON primeira-dama. A posse provocou, por um lado, agitação, e por outro, isolamento e raiva. AUSTIN KELLERMAN é o responsável de redação de um telejornal na capital. Com os colegas, decidiu tomar posição na transmissão e pedir à comunidade para 'reencontrar a unidade'.

Austin Kellerman, News Director: A equipe de jornalistas sentiu que poderia dar uma chance à nossa cidade. E assim, um dos jornalistas mais experientes preparou um estudo na edição principal, convidando todos à unidade e abertura.

Jornalista: Não existem “eles” e “nós”. Somos todos “nós”; nós, o povo.

Austin Kellerman: Obviamente, isto não resolve as coisas... não muda as posições das pessoas... mas talvez possa oferecer a muitos a oportunidade de refletir, indo além do próprio ponto de vista. De nossa parte, procuramos manter o diálogo e continuar a representar honestamente todas as posições e vozes.

Locutor: Em todas as circunstâncias, a comunidade dos Estados Unidos é chamada a continuar a superar as divisões.
(música)

04) FILIPINAS – “HARMONIA ENTRE POVOS E RELIGIÕES”

Lesley: Este amor radical que Chiara sugere vale também para o diálogo inter-religioso. Pertencer a religiões diferentes foi motivo de conflitos no decorrer da história. Junto com outros, os Focolares se empenham para construir este diálogo. Foi o que experimentaram no mês passado no Encontro das Religiões Orientais, perto de Manila, nas Filipinas. Vamos ver a reportagem que nos enviaram.

Moderador: Amigos, nós somos de diferentes países da Ásia e da Europa, temos religiões, idades e culturas diferentes e estamos reunidos de 2 a 5 de março de 2017 para refletir sobre o tema "Harmonia entre as religiões." Gostaríamos de pedir aos representantes das quatro principais religiões para fazerem a oração de abertura da SOR de 2017. (Escola Religiões Orientais)

Orações

Francisco Canzani, Uruguai - Corresponsável do Centro Internacional dos Focolares para a Sabedoria e o Estudo – Roma, Itália: Devemos ser nada, Jesus Abandonado, diante de cada próximo para encontrar Jesus nele.

Renata Simon, Alemanha - Corresponsável do Centro Internacional dos Focolares para a Sabedoria e o Estudo – Roma, Itália: Nós comunicamos sendo nada e, desta maneira, nos inculturamos. É necessário amar, não só o próprio movimento, mas também os outros, não só a própria Igreja, mas também as outras Igrejas. Este é o nosso chamado, o legado que deixo para o futuro.

Dr. Lalita Namjoshi, Índia – Principal Formadora do K.J. Somaiya Bhatariya Sanskrit Peebam: Quando lemos as escrituras das várias religiões, encontramos muitas semelhanças. A primeira é a Regra de ouro: "Faça aos outros o que gostaria que fizessem a você".
canto

Venerável Miao Jing, Taiwan – Abbess Mabuhay Temple Fo Guang Shan: O Focolare, pela sua jovialidade, estabelece logo a realidade de família. Vocês sempre estão presentes com os jovens de vários lugares do mundo e isso traz – para o templo e os seus fiéis – novos relacionamentos, divertimento, contatos e amor.

Randi Tampubolon, Indonésia: Aqui eu conheci melhor o diálogo inter-religioso. No meu país a maioria é muçulmana, posso levar a graça deste encontro e assim realizar o diálogo nos meus contatos. Espero ser capaz de colocá-lo em prática no meu país, a Indonésia.

Miss Mitali, Índia: Estes encontros são muito importantes e devem ser mais frequentes, porque a harmonia é algo que está desaparecendo de nossas vidas. Podemos nos tornar almas de amor, almas de Deus.

Jocelyn Wadi, Filipinas: Sabemos que Chiara ensina a amar. Portanto todos nós podemos ser “dançarinos do amor”.

Tadjanna Basman, Filipinas: Aqui, no focolare, podemos nos expressar plenamente, deixar de lado os preconceitos e as diferenças; e nos concentrarmos naquilo que nos une e não nas nossas diversidades.

Phra Maha Boonchuay, Ph. D., Tailândia: Precisamos conversar, dialogar, conhecer a fé do outro.

Fr. Andrew Recepcion, Filipinas, Presidente Internacional da Association of Catholic Missiologists: O diálogo nasce da amizade, mas não de uma simples amizade entre pessoas semelhantes. É a amizade entre pessoas apaixonadas pela realização de uma humanidade melhor.

Rita Mousallem, Líbano – Corresponsável do Centro internacional dos Focolares para o Diálogo inter-religioso - Roma, Itália: Este carisma nos une, embora sejamos de diferentes religiões. Nós nascemos para isso, para ser uma única família.

Cardeal A. L. Tagle, Arcebispo de Manila Filipinas, Presidente da Caritas Internacional: Onde há verdadeiro diálogo, há esperança. E essas pessoas são capazes de forjar uma nova vida.

Bispo Roberto Mallari, Filipinas – Decano da Escola de Diálogo com as Religiões Orientais (SOR): Não queremos forçar as coisas. Nós fazemos a nossa parte, permanecendo abertos ao Absoluto, a Deus, para que Ele possa realizá-las.

G. Vijayaragavan, Responsável pela Liderança Juvenil do Shanti Ashram: Podemos fazê-lo, queremos e devemos fazê-lo.

Música e imagens

Escrita

Harmonia entre os povos e as religiões.

05) JORDÂNIA – PORTAS E ... BRAÇOS ABERTOS

Lesley: “Ser uma única família”, disseram nesta reportagem: “podemos fazê-lo, queremos e devemos fazê-lo”. Fazer isso também trabalhando, concretamente. Conheceremos agora uma experiência original de um restaurante em Amã, na Jordânia.

Música

Sawsan Awwad – Supervisora Restaurante da Misericórdia (em árabe): Este lugar era uma tipografia abandonada e nos foi doado pela igreja. Assim, surgiu a ideia e, em 20 dias, a Caritas colocou tudo em ordem. Agora está funcionando este restaurante, como podem ver. Foi inaugurado no dia 23 de dezembro de 2015. (...) Desde então, a porta nunca se fechou, oferecemos refeições diárias.

Música

Não fazemos discriminação de raça, sexo ou religião. Acolhemos a todos com amor e dignidade. (...) Aqueles que trabalham conosco também são refugiados: iraquianos, sírios ou famílias carentes. Assim tiveram a oportunidade de encontrar trabalho. E se sentem felizes de fazer isso. Preparam a comida com grande amor.

Milad – voluntário (Iraque): Eu trabalhava no Iraque e vim aqui para ajudar as pessoas e servir os pobres, os necessitados e todos os que chegam aqui.

Sawsan – Diretora Restaurante da Misericórdia: Geralmente abrimos das 12h30 às 15 h, no horário do almoço. É esta a refeição que oferecemos. Mas, durante o Ramadã, por respeito aos nossos irmãos muçulmanos, a refeição é oferecida no jantar, quando quebram o jejum. (...) Foi uma experiência bonita, porque cristãos e muçulmanos compartilharam juntos a refeição, numa atmosfera agradável, de família. (...)

Agora o nosso objetivo não é apenas oferecer uma refeição, mas também ver quais são as suas necessidades. (...) Descobrimos que muitos têm que fazer alguma cirurgia, por exemplo, da vista, ou precisam de medicamentos. Ou não têm aquecimento na casa, cobertores para o inverno. Tentamos oferecer-lhes esses serviços. (...) Também Sua Majestade, a Rainha Rania, nos visitou durante o Ramadã, foi uma grande honra para nós.

Anny – cozinheira (Armênia): Ficamos muito contentes com a vinda da nossa Rainha. (...) Ela ficou muito contente com o trabalho que estamos fazendo. (...) Gosto de cozinhar e trabalhar pelas pessoas necessitadas e quando elas vêm comer aqui é como se chegassem os meus filhos.

06) PARAGUAI: YVY MARANE'Y, LA "TIERRA SIN MAL"

Lesley: Vamos agora para a América do Sul, precisamente ao Paraguai. Aqui, diversas associações, junto com os Focolares, estão colaborando com a comunidade indígena *Ava Guarani*. O Projeto "Yari Miri" assume o nome da árvore, "Pequeno cedro", árvore considerada sagrada por esta comunidade.

Bernardo Benítez – Chefe da tribo da Comunidade Yary Miri: Em nosso país somos 17 grupos étnicos de diferentes culturas, línguas, costumes, e até mesmo crenças; [...] estamos totalmente abandonados, todas as comunidades indígenas em todo o país estão abandonadas. Existem grandes deficiências na educação, na saúde, na formação técnica, e as pessoas não conseguem progredir, se desenvolverem [...]. A vida na cidade não é apropriada para a comunidade indígena, para o nosso modo de viver, porque nas cidades nós sofremos, não podemos desenvolver a nossa cultura e o que realmente somos... Não temos saída. Vivemos em áreas de cultivo de soja onde se utilizam venenos, e as crianças morrem por causa das doenças [...] Em Assunção, 8000 indígenas vivem na rua; [...] mas também há muitos na cidade de Encarnación, e em outras... somos cerca de 20.000.

Diana Durán - Voluntária do Projeto Yary Miri: Os indígenas da tribo Ava Guarani, com quem estamos em contato em Assunção há 18 anos, se instalaram perto de um lixão, praticamente às margens do rio Paraguai. Trabalham na reciclagem de resíduos. Com a grande inundação do rio Paraguai, em 2014, se transferiram provisoriamente para uma grande avenida, muito movimentada, e foi ali que os conhecemos.

Recordando a experiência de Chiara sobre Jesus Abandonado: "se você não me amar quem me amará?" e, impulsionados pelo apelo do Papa Francisco para nos dirigirmos às periferias da humanidade, para amar concretamente, nos aproximamos do acampamento onde eles estavam instalados.

Primeiramente, demos todo o tipo de ajuda: comida, roupas, etc. Por isso, estabeleceu-se uma relação de confiança e de amor cada vez mais profunda. [...] Eles explicaram que precisavam de um pedaço de terra, pelo menos dois hectares, para fazer uma horta, de um lugar para a formação e moradias dignas. Assim, teve início uma ampla pesquisa, até que encontramos 5 hectares em um local, a cerca de 30 km de Assunção, onde se estabeleceram.

Bernardo Benítez – Chefe da Tribo da Comunidade Yary Miri: Estamos muito felizes por estarmos aqui; a família está feliz, e como podem ver, houve muitos progressos. Embora estejamos aqui há pouco tempo, já temos água, rede elétrica, estrada ... que, de alguma forma, é útil para nós... Já plantamos, e estamos consumindo os nossos produtos

Hugo Cáceres - Voluntário do Projeto Yary Miri: É uma ação muito bonita [...] porque não se trata de uma doação ou de um projeto de solidariedade, mas de um projeto de desenvolvimento no qual a comunidade Ava Guarani é protagonista.

Padre Enrique Gaska - Coordenador geral da Pastoral Indígena: A primeira coisa que precisamos fazer é remover das nossas mentes e dos nossos corações o racismo, [...]. Devemos tratá-los como um de nós, como nossos irmãos. O Estado paraguaio deve tratá-los como qualquer outro cidadão do Paraguai. [...] Muitas pessoas dizem: "por que eles não voltam para as montanhas?" Quais montanhas? Se não há nem montanhas, nem bosques... É uma nova realidade, e devemos estar fortemente unidos a todos eles.

Diana Durán – Voluntária do Projeto Yary Miri: No contexto da visão do mundo guarani há o que é chamado de marane'y Yvy que significa "terra sem males". Para eles, a terra sem o mal não é apenas a terra adequada para o cultivo, mas também uma terra em que se possa viver no amor mútuo. [...] De fato, eles dizem que, desde que nos conhecemos, Deus olha para eles com um amor especial. E eles são os primeiros a se empenharem, fazendo toda a própria parte para que realmente se torne realidade a "terra sem males", na qual, como eles dizem, reine o amor mútuo.

Lesley: Duas histórias muito fortes, não é? O restaurante de Amã e esta "tierra sin mal", "terra sem males". Obrigada por estas duas histórias.

7) SUÍÇA – IMIGRANTES QUE AJUDAM IMIGRANTES

Lesley: Regine, imigrada da República Democrática do Congo, vive na Suíça há 30 anos. O amor que recebe lhe dá forças para transformar o próprio sofrimento em ideias e projetos. E funda a Associação Amigos da África.

Régine Mafunu Déneraud: Meu nome é Regine Mafunu, sou da República Democrática do Congo. Moro na Suíça há 30 anos, e estudei na Universidade de Friburgo. Cheguei em Montet com os meus filhos e o meu marido e todos nos acolheram como se já nos conhecessem. Experimentamos o amor vivido ali: todos estão dispostos a partilhar e a receber.

Quando o meu marido foi ao funeral do nosso irmão bispo, eu fiquei aqui com as crianças, com a pequena de 11 meses. Sem a ajuda das pessoas do Movimento, não teria conseguido.

Depois, disse a mim mesma: eu recebi tanto, eu recebo muito. E tive a ideia de criar a associação dos amigos da África, (sigla: AMAF). Para os vizinhos, nós fazemos um pouco de barulho; mas procuramos nos conhecer, partilhar os nossos valores, compartilhar especialmente as dificuldades que encontramos. Alguns nunca tinham visto a neve e nem mesmo morado na cidade.

Convidamos alguns deles; preparamos a refeição e comemos juntos; Na verdade, queremos saber como chegaram aqui.

Naima (Somália): Eu não sabia escrever o meu nome, porque no meu país, não há escola. Chegando na Suíça, eu assinava assim (faz um x com a mão). Agora sei escrever o meu

sobrenome, o meu endereço, e muitas outras coisas!

Régine Mafunu Déneraud: Num certo momento, preparamos um projeto sobre a convivência harmoniosa, sobre como aprender a viver juntos. E, sem pensar muito, enviei para a Confederação Suíça.

Segunda-feira de manhã, recebi um telefonema da Confederação: "Recebemos a sua carta. O seu projeto nos interessa, mas está incompleto. Damos a vocês um prazo de uma semana. " Agradeço a Deus! Tinha um pouco mais de tempo.

Jean-Francois Steiert - Conselheiro Nacional para a Gestão Territorial: Descobrimos a AMA descobri uma família inteira, pessoas que consideram a integração não como algo unilateral, mas recíproco... a língua, a cultura do outro. Pessoas que buscam a partilha em todas as suas formas entre indivíduos e entre as culturas. E compartilhar é viver.

Madame Anne-Claude Demierre - Conselheira do Estado para a Saúde e Gestões Sociais: Quer agradecer de coração a todos da equipe da AMAF, aos profissionais, aos voluntários, que tornaram possível a realização desta ponte entre a África e a Suíça.

Régine Mafunu Déneraud: Temos a alegria de viver a humanidade. Ainda precisamos partilhar mas acho que recebo muito mais: os sorrisos, tudo o que as pessoas me dizem. Agradeço a Deus!

Lesley: Obrigada, Regina! Um lindo exemplo do que pode acontecer quando "se ama por amor"!

8) AUSTRÁLIA – A SÍRIA E O IRAQUE SÃO DE CASA

Lesley: Vamos voltar para a Austrália. De Perth querem compartilhar uma experiência.

Legenda (em inglês)

Perth. Austrália. População: cerca de 2 milhões

Este ano Perth se comprometeu em acolher 1.000 refugiados da Síria e do Iraque.

Vários grupos presentes na cidade estão unindo forças para atender as numerosas necessidades.

Tom, Gen 2 (em inglês): O Movimento dos Focolares aqui em Perth, mantém contato com as famílias dos refugiados e se tornou na cidade, o ponto central de uma rede de colaboradores. ASeTTS – uma organização que presta ajuda aos refugiados – nos pediu ajuda para estarmos com as crianças num final de semana, enquanto as mães recebem algumas informações ou têm aulas de inglês. Com os jovens da Arquidiocese, ensinamos matemática, brincamos, fazemos trabalhos manuais. No começo, pensei: "como vou conseguir, com tudo o que tenho para fazer...". Mas depois percebi que esta era uma oportunidade para ajudar o próximo e compartilhar pequenos atos de bondade. E foi muito bonito ver que uma simples operação matemática pode acionar um bom entendimento com as crianças.

Shaad (em inglês): Eu gostei de fazer as atividades com todos, e os adultos eram muito simpáticos.

Tom, Gen 2 (em inglês): Proximamente, queremos organizar o "Run for a reason" * (evento de beneficência) com essas famílias, para o Run4unity! Então... estejam atentos! Foi ótimo. Obrigado. Um grande abraço daqui de Perth!

Lesley: *Thank you, Tom! Thank you for sharing this news with us. (aplausos) We'll certainly going*

to keep our eyes open for your Run4Unity! Aguardamos o "Run4Unity"!

9) HOLANDA – O BLOG DE GLEN: EM REDE CONTRA O BULLYNG

Lesley: Muitas pessoas, muitos de nós, conhecem amigos ou pessoas violentas..., foram discriminadas, até mesmo atacadas, humilhadas publicamente. Falamos de bullyng, mais difundido de quanto podemos imaginar. Glen, um jovem holandês, contou a sua história. E teve a força de dar uma virada na sua vida. Vamos ver como.

(música e ambiente)

Fui vítima de bullyng dos 6 aos 16 anos. Tudo começou na escola. Um dia estávamos reunidos em um círculo, falando das coisas de que gostávamos e do que queríamos fazer quando adultos. Eu disse que queria ser ator, cinegrafista, ou algo assim. Eu realmente gosto de fazer teatro. Então, começaram a rir de mim, e me excluíram. Eles não gostavam de teatro, especialmente os meninos; todos gostavam de futebol, e começaram a dizer que eu era menina. Até as meninas me consideravam estranho.

Num certo momento não se relacionavam mais comigo. Nas aulas de ginástica, por exemplo, no vestiário, me diziam: "Ei, menina, você deve ir no vestiário das meninas, este não é o seu lugar". Depois começavam a chutar as minhas coisas ou as escondiam e todas as vezes eu precisava procurá-las. Isso acontecia em todas as aulas de ginástica.

O professor via tudo isso mas não dizia nada. Muitas vezes fiz notar a ele esta situação, mas parecia que ele não percebia o que estava acontecendo.

A situação piorava cada vez mais, tanto que, num certo momento, ninguém queria se sentar perto de mim. Era como se eu tivesse uma doença contagiosa, e por isso me senti muito sozinho e abandonado por todos.

Aos onze anos saí desta escola e fui para outra para começar de novo. Eu pensei: “vou começar do zero”. No começo foi bom, mas depois de um tempo tudo começou de novo, e ainda pior, me diziam palavrões, me seguravam e batiam em mim. Eu não queria ir à escola.

Com nove anos de idade eu dizia que queria morrer. Eu não tinha mais ninguém, só a minha mãe. Eu tinha a sensação de não poder fazer nada para mudar a situação, até o momento em que cheguei no primeiro ano do ensino médio.

Eu me sentia muito triste, e comecei a escrever tudo o que sentia. Observava que isso me tranquilizava, e pensei: “Posso fazer alguma coisa.” Então tive uma ideia: fazer um site contra o bullying poderá ajudar outras crianças que se sentem sozinhas e abandonadas, que foram vítimas do bullying. Falar sobre isso as ajudará, porque eu tinha me sentido aliviado, e assim nasceu o site. Comecei com um pequeno blog com a pergunta: “o que você acha do bullying?” ou “o que poderia ser feito contra isso?”. Dentro de dois dias eu já tinha mais de 40 contatos de pessoas de todos os tipos, “companheiros de sofrimento”, que são, ou foram, vítimas do bullying, cujas idades variaram de 13 a 40 anos ... Todos escreviam a sua história, assinando o próprio nome, e isso me parecia muito bom. Eles também descobriram que expressar o que sentiam dentro aliviava. Agora estou muito feliz em ajudar outras pessoas com o meu site, me sinto bem. E assim juntos somos fortes.

Muitas vezes, na escola, tenho medo de que as pessoas não gostem de mim.

- Que achem que não sou simpática.
- Será que me escutam?
- Será que me veem?

Se alguém que pratica o bullying acessar o meu site, gostaria que recebesse uma luz e pensasse: “realmente não é bonito o que estou fazendo”, porque o bullying pode causar muito dano. Mas, na maioria dos casos, não percebem e veem tudo isso como um jogo.

10) RECORDANDO O CARDEAL VLK, ARCEBISPO DE PRAGA

Lesley: De alguém que lavava vidraças pelas ruas de Praga, sob o regime comunista, a arcebispo e cardeal. É a história de Miloslav Vlk falecido no dia 18 de março passado. Muitos jornais e televisões quiseram homenagear a figura do arcebispo de Praga, com muitos encargos na Igreja católica e moderador durante dezoito anos dos Bispos amigos do Movimento dos Focolares de várias Igrejas. Queremos recordá-lo escutando as suas palavras dirigidas em 1997 a cerca de mil adolescentes do mundo inteiro reunidos em Roma. Dá a eles uma mensagem para a vida, para que a fundamentem no amor verdadeiro.

Após 10 anos da minha ordenação sacerdotal, o regime comunista tirou a minha licença. O que é a licença? O estado comunista dava uma licença a cada sacerdote para trabalhar como sacerdote. E eles me tiraram esta licença, esta permissão. E eu me tornei um leigo. Não podia celebrar a missa, não podia pregar, eu fui forçado a ficar em silêncio. [...] Eu trabalhava em Praga, limpando os vidros, as vitrinas; me tornei um desconhecido. Eu andava pelas ruas de Praga limpando as janelas. E esses momentos, estes 10 anos foram anos muito fortes para mim, diria que foram anos em que fiz a universidade da vida [...] (aplausos), porque pude viver todos os dias em estreita comunhão com Jesus crucificado e abandonado. [...]

Mas, apesar disso, muitas vezes, surgiam dúvidas: você deve mesmo fazer este trabalho humilde, e o seu sacerdócio, onde está? [...].

Eu encontrei a minha nova identidade, [...] e descobri que [...] o sacerdote é alguém que está perto da cruz de Jesus, porque Ele se tornou sumo sacerdote na cruz. Então eu experimentei que, estando aos pés da cruz, perto da cruz, abraçando-a todos os dias, [...] tornei-me sacerdote e encontrei o meu sacerdócio em ser ninguém (aplausos). [...]

Falo sobre isso assim, de maneira muito simples, mas devo dizer que, viver esta espiritualidade, este Ideal como bispo, é mais difícil do que quando limpava vidros (aplausos) porque corremos o risco de pensar que ser bispo significa ser alguém; também agora tenho que estar perto da cruz de Jesus. A minha vida e esta experiência que conto a vocês representa também para mim uma força, algo que orienta hoje a minha vida. [...] No tempo escuro do comunismo [...] eu pude viver num focolare leigo, com um grupo de pessoas que decidiram viver este espírito. [...]. Eu diria que este treinamento de ser nada me fez experimentar a presença de Jesus no nosso meio. Toquei com as mãos a presença do Ressuscitado (aplausos), e essas duas coisas, abraçar Jesus Crucificado-Ressuscitado e tocar a proximidade da presença de Deus, de Cristo ressuscitado no meio de nós, pelo nosso amor, são os pilares da minha vida como bispo, arcebispo, cardeal [...]

Desejo que vocês possam viver esta espiritualidade como caminho da própria vida, do próprio futuro, da própria perspectiva durante a vida inteira (aplausos) [...]

Lesley: Belo, obrigada, nos deixou uma maravilhosa herança.

11) CONCLUSÃO COM A SAUDAÇÃO DE MARIA VOCE (EMMAUS) E JESÚS MORÁN

Jesús: Precisamos dizer alguma coisa...

Lesley: Sim, ótimo.

Jesús: Não preparamos um discurso, porque queríamos nos deixar inspirar por tudo o que ouvimos, e nem se sabe por onde começar porque uma coisa era mais bela do que a outra. Esta última, por exemplo, do cardeal Vlk, porque vivemos muitas coisas com ele e impressiona ver o seu testemunho tão atual da figura do sacerdote, do bispo hoje. Uma experiência tão leiga que nos mostra uma Igreja totalmente diferente.

Mas todo o Collegamento! Fiquei muito impressionado, me sinto enriquecido e me parece que cada vez mais o Collegamento nos leva a fazer a experiência de “homem mundo”, aquilo que já foi dito, que Chiara disse no início. Realmente fazemos uma experiência de “homem mundo”, com a singularidade de que nos relacionamos com alguns verdadeiros protagonistas da Obra hoje.

Sinto muito fortemente de agradecer todos aqueles que estão por trás destas experiências, que são muito mais do que aqueles que vimos. São aqueles que hoje, na Obra, nos impulsionam para a encarnação dos grandes objetivos que nos demos em 2014: “sair”, ir ao encontro do homem de hoje para levar a unidade, trabalhar em unidade estando perto do homem de hoje assim como ele é, com as suas dificuldades para dialogar, as pessoas que imigram, que sofrem violências, como este jovem da Holanda.

Então me vem uma grande gratidão e vontade de dizer: "Mas nós sustentamos principalmente vocês, que não são os únicos, mas grandes protagonistas".

É o que sinto no coração, agora.

Emmaus: Maravilhoso. A única coisa a dizer depois de termos visto todas estas histórias é que se vê quanto o amor pode fazer, quanto o amor pode fazer! O mínimo de amor que colocamos na vida em cada ação pode desencadear uma revolução.

Mas vemos também que o amor não é amor se não existe o sofrimento, ou seja, que o amor custa, que o amor exige muito, pode fazer muito mas requer muito.

Pareceu-me que em cada uma dessas histórias havia um denominador comum: que se paga, se paga. É quase como se Deus me perguntasse: "Você está pronta a pagar? Você está pronta pagar?"

Também neste caso? Também nesta situação? Também neste momento? Mesmo diante de todos os dramas da humanidade? Você está pronto a pagar?"

E disse a mim mesma: mas não sou a única que está pronta a pagar, quantas pessoas estão dispostas a pagar? E esta é a maior riqueza, este amor desinteressado de que falava Chiara: que o amor não é amor se vivido por interesse, o amor é amor se é desinteressado.

Este amor desinteressado existe, existe! Isso é algo que nós sabemos, mas o Collegamento volta todas as vezes para nos dizer: vocês percebem que existe, que não é um sonho, que não é algo que ainda deve vir, mas que existe, então devem descobri-la! E mergulhem neste rio de amor desinteressado.

E este rio de amor desinteressado tem o poder de transformar o mundo, de transformar primeiramente a nós mesmos, mas transformar também as situações ao nosso redor como vimos neste Collegamento. Portanto, é apenas um exemplo das milhares e milhares de coisas belas que existem, e que nos fazem ver a possibilidade de incidir para transformar o mundo, e é o que queremos, não é?

Uma das coisas belas deste Collegamento foi a frase final de Régine, na Suíça, dizendo: "Temos a alegria de ser humanidade". Todos nós podemos dizer: temos a alegria de ser humanidade, esta humanidade, não uma outra, esta humanidade. Nós temos esta alegria, e com essa alegria acho que podemos continuar vivendo a nossa Páscoa, vivendo com o Ressuscitado entre nós.

Até breve a todos e obrigada! (Aplausos)

Lesley: Obrigada, Emmaus. (Aplausos)

Jesús: Dizíamos antes que também é muito bela esta "terra sem males". É também um bom slogan para construir por toda parte uma terra onde...

Emmaus: ...onde o mal não exista.

Jesús: ...onde o mal desapareça. Obrigado aos paraguaios.

Emmaus: Porque existe o amor recíproco. Belíssimo. Obrigada.

Jesús: Obrigado, Lesley.

Lesley: Obrigado a todos! Fizemos juntos uma viagem maravilhosa. Realmente, obrigada!

Quero lembrar que o próximo Collegamento será no dia 17 de junho, às 20 h, horário italiano. Esperamos pelas histórias de vocês! Mandem-nos e, na próxima vez, conheceremos as histórias de vocês.

Então: good night to everyone who's on the way to bed and have a good day everyone who's just starting the day. Good night!

(aplausos e música)